

PÓS-AUTONOMIA E CRÍTICA MENOR

POST-AUTONOMY AND MINOR CRITICISM

Wanderlan Alves¹

Resumo: Como possibilidade para a crítica, a noção de pós-autonomia desenvolvida por Ludmer (2006; 2010) pretende questionar práticas, parâmetros e valores institucionais e acadêmicos para o literário. Paradoxalmente, uma crítica pós-autônoma precisará instalar-se à margem da instituição literária se quiser promover uma leitura crítica das institucionalizações do literário. Caso se integre acriticamente a esse universo que se propõe questionar, suas hipóteses acerca da pós-autonomia correm o risco de “cair num vazio de sentido” que as reduziria a mera *performance* ou espetáculo. Em meio a esse contexto, discutimos a crítica “menor” como política alternativa para a perspectiva pós-autônoma da literatura e dos estudos literários atuais.

Palavras-chave: crítica literária latino-americana; Josefina Ludmer; pós-autonomia.

Abstract: As possibility for the criticism, the notion of post-autonomy developed by Ludmer (2006; 2010) intends to interrogate parameters, values, and institutional and academic practices for literature. Paradoxically, a post-autonomous criticism must be at bounds of literature as institution if it wants to operate a critical reading of the processes of literary institutionalization. If the approach integrates itself into the universe that it discusses about, its hypothesis can become a “senseless inquiry” or can be converted into a simple performance or spectacle. From this context, in this article I think of a “minor” criticism as an alternative politic for the post-autonomous perspective about both literature and current literary studies.

Keywords: Latin American literary criticism; Josefina Ludmer; post-autonomy.

[...] uma coisa é certa: as leituras do escritor latino-americano
não são nunca inocentes. Não poderiam nunca sê-lo.”
(Silviano Santiago, “O entre-lugar do discurso latino-americano”)

¹ Professor de literatura hispano-americana na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): <alveswanderlan@yahoo.com.br>. Apoio: CNPq (PDJ/Proc. 153023/2019-8).

“O problema: de modo algum ser livre,
mas encontrar uma saída, ou então uma entrada,
ou então um lado, um corredor, uma adjacência, etc.”
(Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Kafka: por uma literatura menor*).

Partimos de duas hipóteses iniciais: a primeira, que o debate sobre a pós-autonomia começa a tornar-se ilegível por sua amplitude; e a segunda, que a produtividade de leituras associadas a essa noção nos últimos anos intensifica o paradoxo constitutivo de sua relação com a crítica acadêmica. A primeira hipótese pauta-se numa observação empírica, pois qualquer consulta por meio de um buscador *on-line* de grande alcance e acesso aberto, como o Google Scholar ou outro semelhante, mostra que a mineração de textos pela palavra-chave “pós-autonomia” (ou seus equivalentes em espanhol e inglês) ou ainda, de modo mais rigoroso, cruzando-a com descritores como “literatura”, “arte”, “valor”, “crítica literária” ou “teoria literária” para excluir homônimos eventualmente vinculados a outras áreas de estudo, chega a resultados que contêm várias centenas de documentos (artigos, comunicações apresentadas em eventos, capítulos de livros e até mesmo dissertações e teses). Isso torna cada vez mais difícil acompanhar o debate, ao mesmo tempo em que aponta para certa produtividade (ou produtivismo) da discussão associada à pós-autonomia, bem como para certa institucionalização dessa noção pela crítica acadêmica.

A segunda hipótese, atrelada à constatação inicial, implica supor que a incorporação da noção de pós-autonomia ao discurso da crítica aponta para caminhos que podem colocar em xeque seu potencial crítico. Nos últimos vinte anos aproximadamente, esse debate ora se dirige para o que seria um estado de certas vertentes literárias das últimas décadas na América Latina – especialmente aquelas “donde el pasaje a la imaginación pública se haría más patente (testimonios, crónicas, autobiografías o reportajes que ‘entran’ a la realidad de lo cotidiano desprendiéndose de los signos de la literaturidad” (GIORDANO, 2016, p. 203) –, ora para o lugar e o papel da crítica literária no contexto atual, ou ainda para a própria dinâmica (e as sucessivas crises) da teoria literária no contexto acadêmico latino-americano desde o final do século XX.

Neste artigo, entretanto, interessam-nos o discurso e as disputas da crítica literária (especialmente na Argentina) em relação à noção de pós-autonomia, que nos permitirão sondar uma operação paradoxal associada a esses procedimentos discursivos de recusa e apropriação: o risco de que, se a perspectiva provocadora que Josefina Ludmer propõe

à crítica como condição para uma leitura dessa literatura de modo condizente com a própria época se cumprir integralmente e legitimar-se no meio institucional, o movimento de transtorno da instituição literária que ela procurou imprimir à prática da crítica literária a partir da noção de pós-autonomia corre o risco de esvaziar-se, levando à amenização do debate ou tornando-o *cool*.² Nesse sentido, uma crítica pós-autonomista deveria pautar-se sempre na fratura, na possibilidade, numa certa aproximação impossível, espécie de iminência, desejo, devir ou busca que nunca se alcança ou não se cumpre totalmente, pois essa seria sua lógica constitutiva. Sua potência estaria, portanto, condicionada à sua capacidade de resistir a toda interpelação.³ E essa seria a sua política.

1. O PRESENTE E SEUS PONTOS CEGOS

A despeito de nosso interesse aqui pelo que, na discussão sobre a pós-autonomia, diz respeito às polêmicas da crítica, convém retomar os diagnósticos sobre a literatura que, lançados por Beatriz Sarlo e Josefina Ludmer entre 2005 e 2010 aproximadamente, aglutinariam as porosidades do debate. Constituindo-se no que Sandra Contreras (2010)⁴ classificou como sendo ontologias do presente, essas análises sustentam que a literatura (ou certa literatura) recente configura-se como etnografias do presente (Sarlo) ou que elas fabricam o presente por meio da fusão do real e do virtual (a *realidade-ficção*), inscrevendo-se na ordem da imaginação pública (Ludmer). Apesar da diferença de julgamentos nas considerações de cada uma, o mapeamento do presente que fazem é semelhante. Sarlo, no entanto, o faz a partir da oposição entre boa e má literatura, e Ludmer

² Em “A crítica como papel de bala”, Flora Süssekind (2010) também tinha apontado para os riscos de uma crítica não polemista e não atualizada em relação às problemáticas de sua época esvaziar-se enquanto reflexão sobre o literário, tratando, em seu caso, do contexto da crítica literária brasileira contemporânea.

³ Há que observar que o debate sobre a pós-autonomia tem atraído, fundamentalmente, a crítica argentina e a crítica brasileira, apesar de não limitar-se a elas. A maior parte dos estudos que a discutem ou que empregam tal noção como um operador de leitura é desenvolvida por autores desses dois países. Contudo, os modos de recepção e de uso dessa noção por ambas as críticas nem sempre são semelhantes, sendo normalmente tomada de forma mais polemista, cética ou, mesmo, por meio da recusa entre críticos argentinos e de maneira mais receptiva, por vezes quase tomada como noção que pode ser “aplicada” ou desdobrada para o exercício analítico, pela crítica brasileira.

⁴ Originalmente lido em agosto de 2007, numa mesa-redonda compartilhada com Josefina Ludmer, Claudia Gilman e Martín Prieto, no *III Argentino de Literatura*, realizado na Universidad Nacional del Litoral, em Santa Fe.

procura deslocar o debate para o eixo da realidade-ficção e da fabricação do presente, colocando em suspensão a discussão sobre o valor a partir das hierarquizações constitutivas do campo literário (ainda que também não escape aos gestos de valoração).

Em “¿Pornografía o fashion?”, publicado por Sarlo em *Punto de Vista* em 2005, a autora mantém a dicotomia entre boa e má literatura a partir da discussão acerca da literatura pornográfica e daquilo que ela classifica como literatura *fashion*. Sua constatação entre censora e melancólica, mas não incoerente, é a seguinte:

La pornografía se hizo *cool*, perdiendo precisamente lo que la volvía interesante, porque entró en el mismo régimen de discursos más protegidos y prepotentes de la sociedad argentina actual: el de los medios de comunicación audiovisuales, para mencionar el nivel de máximo poder material y, en consecuencia, de más alta protección del mercado. La paradoja de lo pornográfico es que deja de serlo en cuanto deja de ser discurso específicamente dedicado al escándalo y destinado a la prohibición. Cuando la transgresión se profesionaliza, y se ejerce como rutina, demuestra que los principios liberales se han impuesto, pero al mismo tiempo, pierde interés ideológico o estético. Hoy todo indica que, en el campo de la literatura, la pornografía es políticamente correcta; y en el mercado audiovisual, una tendencia graciosa y hogareña (SARLO, 2005, p. 13).

Aquilo que Sarlo constata como um estado da literatura do início dos anos 2000 – amparando-se numa perspectiva que associa a noção adorniana da arte em relação à autonomia e à distância crítica, mas, também, na concepção derridiana da lei como princípio de constituição e legitimação do literário (*Ante la ley*) – corresponde, no fragmento acima, aos avatares da pornografia e do *fashion*. Não é difícil notar que aí a pornografia está para a boa literatura, assim como o *fashion* para má literatura e que, nessa perspectiva, a censura recai sobre a ausência do choque e o recurso ao senso comum, nas escrituras *fashion*. Esse diagnóstico é radicalizado em *Sujetos y tecnologías. La novela después de la historia*, publicado por ela na mesma revista em 2006. Nele, Sarlo identifica essa tendência com a qual caracteriza as literaturas dos anos 2000 como etnografias do presente, cujas características formais seriam o abandono da trama ou a dissolução da fábula e das personagens; o registro plano ou ausência de distanciamento entre discurso e narração; e o narrador submerso, que se situa no mesmo nível de experiência e conhecimento das personagens. Tais escrituras se ligariam ainda, segundo a crítica, às novas tecnologias, à tomada do presente como tempo de referência e à desobrigação do efeito de verossimilhança por

meio da filiação a qualquer paradigma histórico (anterior, haveria que acrescentar). O efeito resultante para essas escrituras (no ensaio de 2006 Sarlo analisa textos de Washington Cucurto, Romina Paula, Daniel Link e Pablo Pérez) seria que “leyendo la literatura de hoy, *lo que impacta es el peso del presente no como enigma a resolver sino como escenario a representar*” (SARLO, 2006, p. 2, grifo nosso).

Por sua vez, em “Literaturas postautónomas”, originalmente publicado no *blog* de Daniel Link (*Linkillo*) em dezembro de 2006 e depois republicado com pequenas e sucessivas alterações em diversas revistas a partir de 2007, Ludmer postula intempestivamente: “Muchas escrituras del presente atraviesan la frontera de la literatura [los parámetros que definen qué es literatura] y quedan afuera y adentro, como en posición diaspórica: afuera pero atrapadas en su interior” (LUDMER, 2006, [s.p.]).⁵ Por essa razão, não admitiriam leituras estritamente literárias, “esto quiere decir que no se sabe o no importa si son buenas o malas, o si son o no son literatura. Y tampoco se sabe o no importa si son realidad o ficción. Se instalan en un régimen de significación ambivalente y ése es precisamente su sentido” ([s.p.]). Desse modo, ainda que se valham de categorias e formatos conhecidos da literatura (noções como autor, estilo, gênero literário ou livro), não se enquadrariam na literatura, ou melhor, não caberiam tranquilamente nessa categoria, apesar de a reivindicarem em seu interior, argumenta Ludmer. Nesse sentido,

[...] ya no habría para esas escrituras buena o mala literatura. Estas escrituras aplican a “la literatura” una drástica operación de vaciamiento: el sentido queda sin densidad, sin paradoja, sin indecidibilidad, y es ocupado totalmente por la ambivalencia: son y no son literatura al mismo tiempo, son buenas y malas, son ficción y realidad (LUDMER, 2006, [s.p.]).

Enquanto Sarlo analisa a conjuntura literária do início dos anos 2000, a partir de um *corpus* limitado, pelo prisma da perda da distância crítica e lamenta as consequências dessa aproximação entre a literatura e o mundo, entre o discurso e a narração; Ludmer, também a partir de um *corpus* restrito, parece celebrá-la (esse ensaio inicial sobre a pós-autonomia oscila entre o tom descritivo e o propagandista, um pouco à maneira dos manifestos de vanguarda). Raúl Antelo diz sobre essa disputa que “Sarlo quiere realizar la literatura sin suprimir la institución [y] Ludmer quiere

⁵ Citado aqui a partir da versão original publicada no *blog* de Link. Os colchetes são do texto original.

suprimir la literatura sin institucionalizarla” (ANTELO, 2008, p. 13). Haveria, no entanto, que perguntar pelas consequências imediatas dessas análises quanto a seu alcance e seus pontos cegos. Por sua vez, vistos em perspectiva, tais diagnósticos hoje encontram mais sustentação crítica do que a discussão provocada por tais ensaios parecia perceber ou admitir naquele momento.⁶

Por sua vez, aquelas “escrituras do presente” são etnográficas na leitura de Sarlo (2005; 2006) não só pelo que apresentam como características imanentes, mas também porque é da perspectiva do

⁶ Em 2015, Fredric Jameson publica o ensaio “La estética de la singularidad”, no qual reavalia e atualiza suas teses lançadas décadas antes sobre o pós-modernismo e o capitalismo tardio, e nesse ensaio faz um diagnóstico de certo estado da cultura e das artes no contexto da terceira etapa da globalização, diagnóstico este que, em grande parte, se coaduna àquele apresentado nos ensaios de Sarlo e de Ludmer entre 2005 e 2006. Apesar de, quanto às operações de valoração, haver *nuances* e diferenças entre os três críticos, não as retomaremos aqui, por extrapolarem nossos objetivos. Vale a pena ressaltar, no entanto, o argumento fundamental de Jameson. Segundo ele, a “modernidad, en el sentido de modernización y progreso, o telos, había quedado definitivamente atrás” (JAMESON, 2015, p. 112), e essa mudança teria provocado “toda una nueva desdiferenciación de la cultura que [...] hace muy problemático el propio concepto de arte como actividad universal”, colocando em evidência a “desdiferenciación de las diversas artes y medios”. Tal dinâmica, característica do que o autor considera como sendo “la era de las imágenes”, acarretaria como consequência que “esas nuevas ‘obras’ no son objetos, porque de hecho son *acontecimientos*”, isto é, constituem-se numa “estrategia o receta para producir acontecimientos” (p. 115). De modo hipotético, Jameson se pergunta se essa redução da temporalidade (que ele chama de pós-moderna) ao presente corresponderia a “poco más que una temporalidad de televisión, su materia prima agotada, cuya futura programación estaría sometida a mediaciones de audiencia fabricada por ella misma” (p. 141). No conjunto das produções culturais, uma consequência dessas transformações econômicas, políticas, filosóficas e estéticas seria que “las artes se han vuelto desde entonces mucho más políticas” (p. 112). Alguns elementos saltam à vista quando se comparam as constatações e hipóteses de Jameson às de Ludmer (2006; 2010), entre elas certa percepção de um tempo esgotado (um “antes”, em Ludmer; a “modernidade”, em Jameson), o papel dos objetos culturais de *fabricar presente* (expressão de Ludmer) ou produzir *acontecimientos* (para Jameson), justamente porque a percepção da temporalidade como semelhante à da televisão teria como efeito certa fusão entre a realidade e a ficção – diagnóstico que Ludmer nomeia como *realidade-ficção*. Apesar da não equivalência entre as noções de pós-modernidade e de pós-autonomia, as aproximações aqui correspondem à vinculação dos processos político-econômicos e culturais, nessas análises, às dinâmicas da globalização. E, embora tanto as formulações de Jameson quanto as de Ludmer possam ser questionadas em alguns pontos, o ensaio dele não poderia ser acusado de desconsiderar os processos históricos nem de promover um nivelamento dos objetos estéticos que comenta. Do mesmo modo, sua trajetória como crítico impediria até mesmo um opositor ferrenho de suas ideias de acusá-lo de panfletário ou *bromista* – risco que, no entanto, Pas (2010) condenou nas leituras de Ludmer, numa resenha ao livro *Aquí América Latina*, a nosso ver de modo questionável.

etnógrafo que ela as lê.⁷ Situando-as no lugar de uma alteridade que ela só pode conhecer de fora (o travestismo, o universo da favela, as relações homoeróticas via aplicativos *on-line*), Sarlo figura em relação a essas literaturas como um etnógrafo em relação a seus informantes. Desse prisma, seu olhar é valorativo não só em relação às categorias de boa ou má literatura, mas também no que diz respeito ao lugar que ocupa como crítica em relação àquilo que critica, explica, sistematiza e hierarquiza.⁸ Por sua vez, escrituras semelhantes (de Aira, Link, Di Nucci, entre outros) são pós-autônomas para Ludmer (2006) porque ela, ao suspender o campo literário, situando-o na indefinição de uma realidade-ficção, suprime o espaço do literário enquanto meio de realização da literatura. Nesse sentido, ambos os posicionamentos, apesar do esforço descritivo e, mesmo, teorizador, também são valorativos em razão das operações que realizam.

Por sua vez, apesar de aparentarem ser antípodas um do outro, ambos os juízos se aproximam por ignorarem os pontos cegos que lhes escapam.

⁷ Nesse sentido, Contreras (2010, pp. 140-141) observa: “Cabría preguntar tal vez: ¿En qué punto la lectura, hecha desde un afuera total de la obra (quizás debamos decir mejor: desde otro *tiempo*, desde otro *presente*, desde otra *actualidad*), se vuelve ella misma mirada etnográfica, es decir, punto de vista que convierte a los objetos del presente inmediato en su otro incomprensible?”

⁸ Analisando as considerações sobre a escritura em Lévi-Strauss, Jacques Derrida (1973) comenta que, inicialmente, o etnógrafo contenta-se em apenas ver (refere-se à cena das meninhas Nhambiquaras que brincam e, após um pequeno desentendimento pueril entre elas, o antropólogo aproveita a situação para explorar o que acredita serem seus nomes próprios), mas que aos poucos torna-se cúmplice da cena, introduz-se nela (levando as meninhas a revelarem os nomes umas das outras e, posteriormente, os nomes dos adultos, algo que estavam proibidas de fazer). Para o filósofo argelino, no entanto, os gestos de crítica do etnocentrismo do antropólogo francês funcionam justamente para afirmar sua perspectiva etnocêntrica, não para separar-se dela. Nesse sentido, o etnocentrismo de Lévi-Strauss “é manipulado e pensado como anti-etnocentrismo” (p. 149). Logo depois, analisando a “Lição da escritura” do antropólogo, Derrida argumenta que ela comportaria dois movimentos: um primeiro ligado ao incidente, em que o informante imita a escritura do etnógrafo mais do que a compreende em sua função de linguagem; e uma segunda, posterior, reflexiva, em que o etnógrafo compreende a cena anterior e, então, recebe a lição da escritura, lição filosófica da própria escritura que o afeta e afeta seu conhecimento sobre o outro que ele analisa. Recordamos essas observações de Derrida sobre Lévi-Strauss para observar que Sarlo, ao mesmo tempo em que condena a tendência etnográfica que discute, recusa esse segundo momento de que fala Derrida, e não se dispõe a aproximar-se da lição *de* escritura desses outros sobre os quais comenta. Desse modo, não pode extrair nenhuma lição *da* escritura, pois a julga sempre como ingênua, impotente e superficial nesses ensaios. Se as escrituras que ela comenta puderem ser classificadas como etnográficas, conforme ela argumenta, por uma questão de coerência sua análise também deverá ser reconhecida como etnocêntrica.

Sarlo destaca a semelhança entre a escritura literária que analisa e os produtos da indústria cultural que se consomem no dia a dia (televisão, publicidade, internet), e sua busca por uma distância segura a impede de olhar para os detalhes da escritura e para as fraturas entre o dizer e o dito nos textos literários que comenta. É justamente isso que ela censura neles. Já Ludmer, ao apostar deliberadamente nessa aproximação como uma marca do presente, descuida da atenção à linguagem que, enquanto construção, está implicada na escrita literária dos textos que toma como base de seus comentários, assim como desconsidera a ambição deles de ser literatura (chegando a negá-la). Além disso, a autora não pontua, em seus argumentos, que o retorno do real na literatura e nas artes constitui-se numa problemática que perpassa a trajetória da arte moderna e sofre uma inflexão a partir dos anos 1960, como demonstra Hal Foster (2017[1996]), de modo que tal retorno nos anos 2000 não corresponde propriamente a uma novidade. Essa questão, aliás, os trabalhos de Beatriz Jaguaribe (2007) e Luz Horne (2011) também observam mais ou menos na mesma época da publicação do polêmico manifesto de Ludmer (no caso de Jaguaribe) ou do livro *Aquí América Latina* (no caso de Horne).

Nesse sentido, Sarlo lamenta a perda da distância crítica entre a literatura e o mundo, mas não se dispõe a ler as obras a partir da aproximação que elas solicitam, enquanto Ludmer reivindica tal aproximação como princípio crítico – a indefinição entre o real e o virtual – sem se distanciar minimamente para ver a escritura literária de uma perspectiva que coloque à prova suas próprias hipóteses de leitura. Em torno dessa tensão iriam se desenvolver enormes disputas desde então na crítica latino-americana.⁹

2. CRÍTICA LITERÁRIA: TERRITÓRIOS EM DISPUTA

Apesar de tal polarização, o debate que ganhou evidência centra-se fundamentalmente nos postulados de Ludmer (2006; 2010), talvez pelo efeito de novidade que, no momento em que foram apresentados, eles

⁹ Os debates sobre a pós-autonomia abrem-se, fundamentalmente, aos seguintes eixos: (i) a intersecção entre autonomia e heteronomia como lógica constitutiva do literário; (ii) a crítica da institucionalização da literatura a partir da autonomia e da noção de campo literário; (iii) a discussão sobre as literaturas latino-americanas num contexto global e pós-nacional; e (iv) o retorno às/das humanidades públicas no debate em literatura nesse início de século XXI.

pareciam representar para os estudos literários.¹⁰ O êxito e o escândalo das hipóteses expostas por ela sobre aquilo que chamou de literaturas pós-autônomas devem-se, além do tom de polêmica, das características metacríticas e de sua capacidade de sedução do público (por oferecer-lhe uma aparente solução para a leitura do presente e da literatura naquele momento), à própria escolha da autora de onde e como fazê-lo.¹¹ Em vez de um congresso acadêmico, uma revista de teoria ou crítica literária, de um discurso para iniciados destinado apenas aos próprios pares, opta por publicar, no *blog* de seu amigo e também crítico literário Daniel Link, um breve texto que, pela própria configuração do meio em que aparece, recoloca a pergunta pelos modos de ler crítica e teoria literárias e pelo lugar e papel da figura do crítico literário nesse contexto.

Além disso, a autora coloca em primeiro plano o questionamento sobre a gravidade da crítica literária e a pertinência (ou ingenuidade) de ler seriamente o discurso da crítica pela simples razão de suas vinculações (autoria, filiações) com o meio acadêmico e literário. O recurso à ambiguidade e à intempestividade de seus modos de discutir teoria literária e literatura, assim como de sua própria *mise-en-scène* como crítica foi frequentemente posto em evidência não só em sua prática docente, mas também na escrita de seus livros (GERBAUDO, 2015). Esse modo meio performático de dialogar com seus pares nos espaços institucionais de abordagem do literário, empregando como recursos críticos o humor, o cinismo e a sátira, tanto aponta para seu antiacademicismo quanto, por vezes, serve-lhe de escudo para lidar com algumas inconsistências em seus argumentos, na medida em que transfere para o interlocutor a responsabilidade de “sair” do emaranhado de conflitos que suas próprias ideias convocam/convocavam. Um claro exemplo desse uso pode ser observado em seu diálogo com docentes e alunos da Universidad Nacional de la Plata, no ano de 2000, sobre seu então mais recente livro, *El cuerpo del delito. Un manual* (1999), quando, ao ser interrogada sobre algumas questões porosas do livro (certa teoria da literatura subjacente a ele, as relações com os estudos culturais, a presença embrionária em seus

¹⁰ Sobre o impacto imediato na crítica argentina da discussão apresentada por Ludmer, cf. Zó (2013).

¹¹ No entanto, a autora vinha desenvolvendo suas reflexões sobre o tema provavelmente desde o final da década de 1990 e, certamente, a partir do ano 2000, quando inicia a escrita do livro *Aquí América Latina. Una especulación*, publicado somente em 2010.

argumentos de uma noção de especificidade da literatura), ela responde a Miguel Dalmaroni:

[Ludmer] Pero... en fin, puede ser que no. Todo puede ser que no. Que esa es la trampa del libro (y el ataque a la verdad académica).

[Dalmaroni] Y es la trampa de tus respuestas hoy acá.

[Ludmer] Seguro... (DALMARONI, 2000, p. 21).

Com mais sofisticação e inscrita no gênero especulativo, a postura da autora não é radicalmente diferente quando, em *Aquí América Latina*,¹² livro em que trata extensamente sobre a noção de pós-autonomia, ela comenta, logo na abertura, que “todo podría ser pura especulación” (LUDMER, 2010, p. 10), devolvendo o conceito crítico de especulação à sua acepção cotidiana, ao mesmo tempo em que põe em dúvida essa operação a partir de um sugestivo “poderia ser”.

Desse modo, com seu ensaio breve de 2006, numa mesma operação Ludmer coloca em questão o discurso e a autoridade da crítica como instituição, sua linguagem e seu formato, assim como suas ilusões de isolamento ou separação da vida e das práticas sociais. Seu gesto performático e afim a uma imaginação *pop*¹³ é emblemático das hipóteses que ela procura defender no texto, visto que figura como problematização de oposições como privado e público, real e virtual, passado e presente, dentro e fora. Essa seria, inclusive, uma das expressões daquilo que, em Ludmer, iria se constituir numa crítica pós-autonomista da literatura, a qual opera por associações e conexões, e, desse modo, problematiza hierarquias entre temporalidades, valor, linguagens e níveis de realidade ou representação, mas tem como consequência certo aplanamento crítico

¹² No livro, a autora dá maior extensão aos argumentos apresentados em 2006, empreendendo pequenas análises da *realidade-ficção*, conceito norteador de sua leitura das escrituras dos anos 2000. Apesar de suas hipóteses tratarem de um suposto estado da cultura contemporânea, suas análises pautam-se, fundamentalmente, na narrativa literária, com certa vantagem para a produção argentina, embora também apareçam no texto alguns comentários sobre romances de outras partes da América Latina. A primeira parte, espécie de diário de bordo em que ela registra suas impressões das leituras que fizera em 2000 de romances publicados naquele ano e dos eventos político-sociais de então, serve como um levantamento do “estado da cultura” que ela analisa na segunda parte. Nos quase 10 anos que vão das primeiras notas até sua publicação, a autora procura ler as relações e tensões dessas escrituras no contexto do neoliberalismo, da popularização das tecnologias e da mundialização da cultura, para pensar a América Latina e sua cultura em meio à dinâmica da globalização.

¹³ Segundo Link (2009, p. 67), “Oposiciones del tipo: solo hay presente y tanto pasado como futuro son ilusiones. Es la imaginación pop”.

das categorias que mobiliza para a análise. Isso porque, postas num mesmo prisma de relevância dentro do *corpus* selecionado, elas acabam minando a noção de literatura em sua acepção moderna, que requer o mínimo de especificação para instituir-se como tal, razão pela qual precisa da lei para existir. Esta noção, aliás, já aparecia em Derrida e a autora a conhecia muito bem (LUDMER, 2015) – assim como Sarlo (2005), que também a reivindica para a literatura em sua crítica do *fashion*.¹⁴

No âmbito das disputas críticas a partir da noção de pós-autonomia desencadeadas desde 2006, vale a pena destacar certa inflexão imprimida ao debate por Alberto Giordano. São muitas as leituras que as hipóteses de Ludmer receberam de críticos argentinos e brasileiros,¹⁵ mas a de Giordano realiza um movimento singular na discussão, uma vez que tanto coloca a noção de pós-autonomia em dúvida e a lê com ceticismo (GIORDANO, 2010b, 2017) quanto se vale dela para sustentar um tom de dissenso e polêmica que julga importante no exercício da crítica literária (2010a, 2016). Além disso, ele continua mobilizando o conceito em trabalhos mais recentes. Enquanto a tensão entre Ludmer e Sarlo está no fato de que elas, apesar de se pautarem em diferentes orientações epistemológicas, partem de um diagnóstico semelhante e, portanto, afastam-se fundamentalmente apenas quanto à valoração – deslocada da discussão pela primeira e reivindicada pela última –, por sua vez, a tensão entre a concepção de Ludmer e a crítica de Giordano coloca, de fato, em questão os paradigmas da crítica.

Trata-se de perspectivas distintas em relação ao literário e às escrituras que aspiram ao literário, além de apontar para figurações diferentes do crítico. Por um lado, a categoria de literaturas pós-autônomas proposta por Ludmer aponta para uma reflexão sobre “la circulación de determinadas producciones contemporáneas y para entender un posible diálogo al interior de ellas entre un momento ‘autónomo’, identificado con el pasado, y un momento ‘posautónomo’, propio del presente” (BOGADO, 2015, p. 2). Por outro, sabemos que a equivalência imediata entre autonomia e passado, de um lado, e pós-autonomia e presente, de outro, constitui-se no calcanhar de Aquiles dos postulados de Ludmer

¹⁴ Como sabemos, o livro publicado em 2015 é a transcrição das aulas ministradas por Ludmer no seminário *Algunos problemas de teoría literaria*, ofertado na Universidad de Buenos Aires (UBA), em 1985. Nele, três encontros e meio dos 14 ministrados por Ludmer são dedicados à discussão de *Ante la ley*, de Derrida.

¹⁵ Cf. Antelo (2008, 2012); Pas (2010); Dalmaroni (2010); Contreras (2010); Kohan (2013); Pinheiro (2013); Nascimento (2016); Giordano (2010a, 2010b, 2016, 2017); entre outros.

e, rigorosamente, é redutora enquanto formulação. E é justamente esse ponto que Giordano seleciona para imprimir uma inflexão ao debate. Em “¿Adónde va la literatura? La contemporaneidad de una institución anacrónica”, valendo-se de um diálogo entre Roland Barthes e Maurice Blanchot, o crítico argentino reivindica para a literatura um território muito mais vasto do que aquele atribuído por Ludmer (2006; 2010) à noção de autonomia e, por essa via, procura tanto neutralizar o presentismo patente na noção de pós-autonomia quanto expandir (ou resgatar) um sentido de literatura para além de um “núcleo duro”, por vezes identificado à ideia de arte autônoma (e autorreferencial), entendendo que a literatura vai em direção a si mesma. Diz o crítico:

Blanchot reescribe este postulado cuando afirma que “la esencia de la literatura es sustraerse a toda determinación esencial, a toda afirmación que la establezca o que incluso la realice: la literatura nunca está ahí ya, siempre está por encontrar o reinventar” [...]. La esencia de la literatura no sería lo que la identifica como una institución cultural idéntica a sí misma, reconocible por determinados rasgos y funciones específicos, sino la búsqueda obstinada y metódica de las condiciones –a las que sólo se accede a través de una experiencia literaria– en las que lenguaje y vida pudiesen articularse más allá de la representación, y transformarse a partir de ese encuentro. La esencia de la literatura sería, entonces, el poder de impugnarlo todo, comenzando por el lenguaje y las formas del lenguaje literario, para que lo desconocido –lo inarticulado en cada acto de representación– se afirme como inminencia, como posibilidad de vida (GIORDANO, 2017, p. 135).

Como se pode observar, o crítico reivindica como sendo característicos da literatura (que, como se sabe, não é a mesma coisa que o *literário*) todas as expansões e os não pertencimentos que, na crítica de Ludmer, aparecem como sendo constitutivos de um estado de época da literatura, que ela identifica como pós-autônoma. Desse modo, Giordano procura resgatar, como sendo um de seus traços constitutivos, uma espécie de deriva da linguagem para a literatura, que é capaz de, constantemente, renovar-se e, desse modo, sustentar-se como algo que é sempre o mesmo (Literatura), mas também é sempre outro (porque inscrito em diferentes temporalidades e circunstâncias). Por meio dessa reivindicação, o crítico reintroduz a literatura numa dinâmica transmedial afim à concepção de Marcelo Topuzian (2013), que vê como alternativa aos impasses da teoria literária recente justamente a noção do “intermedial” como parte constitutiva das configurações da literatura (atual). Tal alargamento do conceito permitiria uma atualização da categoria de literatura de modo a que esta seja capaz de abarcar todas as aberturas que a caracterizam e, por vezes, confundem-

-se com a própria noção de literatura em nossa época. Não deixa de ser expressivo o fato de que tanto Giordano quanto Topuzian, cada um a seu modo, parecem tratar certos traços da literatura contemporânea – que poderiam ser chamados de inespecíficos, para empregar a expressão de Florencia Garramuño (2014) – como algo que “ainda está aí”, isto é, fazem parte daquilo que a literatura *é/era/foi*, justamente para responder ao diagnóstico de que o lugar da literatura “se perdeu”.

Contudo, ainda que de maneiras diferentes, tanto os argumentos de Sarlo quanto os de Ludmer e, inclusive, os de Giordano apresentam certa nostalgia (que também aparece na solução apresentada por Topuzian). Sarlo mostra-se nostálgica em relação a uma literatura rupturista e experimental em tensão com o mundo e distanciada daquilo que, nele, pode ser alienador, e tem como paradigma fundamental as literaturas de vanguarda. Ludmer deseja para a literatura uma crítica mais livre e experimental, capaz de dialogar com seus próprios pressupostos sem perder de vista a historicidade das teorias e dos conceitos postos à disposição dos críticos. E Giordano reivindica para a literatura certa anomia (que nunca teria se perdido na literatura, defende), desde que os críticos não abandonem o rigor no tratamento dado ao literário. No conjunto, o debate faz eco das discussões acerca do problema da distância crítica não só entre a literatura e o mundo, mas também entre a crítica e a literatura e seus impasses nos anos 2000. Além disso, outro ponto fundamental que emerge nessas disputas diz respeito ao lugar da crítica e dos críticos no contexto da literatura e dos estudos literários das últimas décadas.

Voltemos a Giordano, dessa vez para retomar o que ele recolhe na apresentação do livro *Los límites de la literatura* sobre o seminário de doutorado que ofertara em 2008, na Universidad Nacional de Rosario, e que, como sugerido já no título do livro, dialogava com a discussão de Ludmer sobre a pós-autonomia. Recuperando as hipóteses de Ludmer (2006), assim como as de Laddaga (2006; 2007) sobre a possível emergência de uma nova cultura das artes em nossa época, sobre a exploração dos espetáculos de realidade pelos escritores nas escrituras recentes e sobre a aproximação da literatura à arte contemporânea, Giordano flagra o que, nesse debate, corresponderia a certo conflito profissional.¹⁶ Nessa mesma

¹⁶ A noção de que o conflito profissional é fundamental nessas disputas reaparece quando o que se coloca em discussão é o debate sobre a constituição do *corpus* da (e pela) crítica. Particularmente, Dalmaroni (2005) e Panesi (2005) ressaltam o caráter de disputa profissional implicado nessas tensões da crítica.

apresentação, que tem como título “Elogio del seminario improbable”, o autor se detém no tema do lugar do crítico e de suas práticas, a partir de um diálogo que empreende com Ángel Rama e Barthes:

La dinámica del seminario dichoso conjuga entusiasmo y método, búsqueda en común de la verdad y experimentación de estilos individuales, y *todo ese despliegue de potencias intelectuales y afectivas está organizado en torno a un centro inamovible, el profesor como interlocutor eminente*. Todos dialogan con él, todos lo reconocen como un dador de discurso. ¿Qué podría resultar más placentero para un docente que no renunció a su vocación intelectual que la existencia de una comunidad en *la que todavía se lo reclama como un guía eficiente y entusiasta?* (GIORDANO, 2010b, p. 6, grifos nossos).

Sem reproduzir o tom censor característico de uma subjetividade de crítico como aquela frequente em Sarlo, o fragmento é expressivo de um modo de pensar as intensidades entre docência e crítica literária, em que o professor atua tanto movido pelo desejo e pela busca quanto por certo reconhecimento (experimentação de estilos individuais, potências intelectuais e afetivas) que lhe restitui o lugar de *mestre*, “centro *inamovible*”, “interlocutor eminente”. Nessa mesma apresentação do livro, cujos capítulos são de autoria de ex-alunos que participaram do referido seminário e de dois convidados que posteriormente se juntaram ao grupo na produção do livro, Giordano (2010b, p. 14) filia-se (ao filiar os convidados) a “una misma comunidad crítica que se distingue por apostar a la invención o la recreación de conceptos entre teóricos y operativos para sostener en ellos ambiciosos programas de lectura”. Ao mesmo tempo em que coloca em dúvida a categoria de pós-autonomia de Ludmer – como faz questão nessa apresentação de observar que fizera ao longo do seminário –, o crítico reivindica a invenção teórica como tentativa de não se acomodar à teoria literária, algo visível na própria opção pelo estilo ensaístico em suas intervenções críticas. Os trabalhos dos ex-alunos confirmariam tanto o êxito do seminário quanto as habilidades intelectuais dos estudantes e, ainda, do mestre. Em direção semelhante, Topuzian (2013, p. 347) também reivindica “una rehabilitación de las facultades de invención teórica de la crítica” para atualizar a pertinência desta em nossa época.

Comparados aos posicionamentos de Sarlo (2005; 2006) e Ludmer (2006) em relação ao lugar da crítica e, também, da figura do crítico, os comentários de Giordano (acima) operam uma dupla movimentação, pois, no que se refere à literatura, o crítico põe à prova a categoria formulada por Ludmer, neutralizando-a em certa medida, mas também se afasta do tom exclusivista de Sarlo em relação às literaturas dos anos 2000. No entanto,

em relação à figura do crítico, em Giordano há múltiplos movimentos, ora de aproximação, ora de distanciamento dessas figurações. Ainda que se coloque como crítico que investiga e não como um censor, ao figurar especularmente como “*guía eficiente y entusiasmado*”, também se coloca num lugar de destaque no exercício teórico-crítico. Sarlo hierarquiza, separa, categoriza, valida ou invalida. Giordano “guia entusiasmado” seus interlocutores nesse “despliegue de potencias intelectuales y afectivas”. Por sua vez, nesse aspecto do debate, Ludmer constitui-se numa figura aparentemente anômala mais afim ao artista *pop* do que ao crítico acadêmico, ou ao menos este é um dos avatares com que se apresenta ante a crítica acadêmica. Operando como um disparador de interrogações e afirmações intempestivas, suposições e argumentos imaginativos – “Imaginemos esto” (LUDMER, 2006, [s.p.]), “Supongamos que” (2010, p. 9) –, ela emula não o crítico acadêmico, mas o *performer* ou, ainda, o *gracioso*, que, a partir da aparente ingenuidade e do descuido, ou de sua própria *mise-en-scène*, diz verdades ou coloca em debate questões por vezes deixadas de lado por perspectivas críticas ou figurações intelectuais que ocupam posições mais centrais no âmbito institucional. Em comum entre essas três figurações do crítico contemporâneo há o desejo inventivo e a busca pela formulação de categorias ou conceitos que promovam uma inflexão na abordagem crítica do literário, para além da mera aplicação de noções teóricas. Diferentes entre si, tais figurações do crítico literário são, no entanto, portadoras de uma ambição crítica que, nesse ponto, se aproxima da ambição à obra pelo artista.

Contudo, como parece ficar claro nesse debate, o imperativo de atualização da crítica literária, ao colocar em questão os limites da literatura (questão que aparece em Sarlo, Ludmer, Giordano e Topuzian, para aludir apenas a críticos citados aqui), também lança uma série de interrogações sobre o campo dos estudos literários como instituição. Por um lado, uma das consequências do debate acerca da pós-autonomia foi impulsionar a crítica a repensar a si mesma e rever seus parâmetros, inclusive promovendo a adoção de (ou um retorno a) critérios mais progressistas para o tratamento do literário (como a reivindicação de uma noção alargada da literatura pelos críticos que se mantêm alinhados à noção de autonomia). Por outro lado, tendo em vista que a teoria literária como disciplina colaborou para a determinação (de maneiras diferentes e em momentos distintos) dos modos de ler os limites da literatura (ou dentro dos quais se manter para ler literatura), a

pergunta sobre a teoria literária sofre um deslocamento no contexto da discussão sobre a pós--autonomia, já que os próprios limites da teoria e da crítica literárias é que são postos em jogo e tornados incertos. Assim, à pergunta *o que é e como ler a literatura do presente dos anos 2000?*, soma-se outra: *o que é e como ler a teoria e fazer crítica literária no presente dos anos 2000?* Tais interrogações apontam para as derivações, as dificuldades e as resistências tanto da teoria literária para acompanhar as atualizações da literatura das últimas décadas e as transformações históricas de nosso tempo, quanto da crítica literária para justificar-se num contexto em que a literatura precisa disputar (e em desvantagem) com outros discursos o papel de discurso constituinte. No que se refere à pós-autonomia enquanto perspectiva para a crítica, a pergunta que surge, por sua vez, é a seguinte: *em que medida é possível operar um movimento que pretende ser dissidente e promover agitação cultural e, ao mesmo tempo, operar como parte da instituição que ela critica?*

3. UMA CRÍTICA MENOR

Apesar de Ludmer ter apresentado a noção de pós-autonomia como um diagnóstico de época, a contribuição mais potente da discussão posta por ela está na abertura de uma orientação crítica capaz de promover um alargamento dos horizontes da crítica literária e cultural, assim como dos objetos que poderiam ser analisados sob essa perspectiva no âmbito dos estudos literários. Desse modo, a questão que se visibilizaria nos debates críticos seria o pensamento sobre o literário (mais do que o literário propriamente dito). No contexto em que o debate é posto no início dos anos 2000, ele responde tanto à suposta sobrevivência de um formalismo rígido (cujo ápice, no entanto, tinha sido o período dos anos 1960 aos 1980), posto a serviço da manutenção de uma oposição entre altas e baixas literaturas, quanto à busca por perspectivas críticas mais heterogêneas para a análise do literário.

A opção pela ampliação das categorias de análise se descola, então, da noção de autor e se abre para um *corpus* mais amplo e diversificado, seja ele histórico, construído ou emergente,¹⁷ cujo caráter, em alguma medida

¹⁷ No início dos anos 2000, instalou-se na Argentina uma polêmica relacionada à noção de *corpus* nos estudos literários, especialmente a partir da resenha crítica de Martín Kohan intitulada “Dos lecturas modernas”, sobre os livros publicados em 2002 por Sandra Contreras (*Las vueltas de César Aira*) e por Julio Premat (*La dicha de Saturno*), o primeiro sobre a obra de Aira e o segundo sobre a de Saer, ambos organizados a partir da noção de

produto de uma montagem, forçaria os críticos a proporem conceitos operativos de leitura. Assim como, por vezes, os força a formularem verdadeiros *relatos críticos* por meio dos quais possam alinhar os materiais que, articulados por essa via, conferem um efeito de unidade a um universo escritural cujo interior, na verdade, não é homogêneo quanto às singularidades postas em relação (gêneros, épocas, autores, fabulações etc.).¹⁸

Desse modo, o debate sobre a pós-autonomia responde tanto às pressões profissionais no campo da crítica literária nas últimas décadas quanto a certa abertura à experimentação e à criação no exercício crítico,

autor. Kohan classifica ambas as leituras como modernas e, nesse sentido, parcialmente anacrônicas em sua abordagem, chamando a atenção para o que considera uma singularidade num contexto em que a categoria de autor estaria em crise. Em resposta a Kohan, Contreras observa em “Intervención” que, se o problema do uso do *corpus* de autor for o risco de totalização, conforme argumentara Kohan, não é menor o risco de uma leitura totalizadora quando se trabalha com um *corpus* fragmentado ou construído simplesmente pelo abandono da figura do autor como núcleo ordenador dos sentidos da leitura, já que neste caso também podem emergir outras categorias, figuras ou relatos que permitam operações de totalização. A discussão, que seria retomada por Miguel Dalmaroni (2005) em “Historia literaria y corpus crítico (aproximaciones williamsianas y un caso argentino)” e por Jorge Panesi (2005) em “Discusión con varias voces: el cuerpo de la crítica”, teve o mérito de chamar a atenção para os conflitos profissionais implicados nos processos de legitimação teórico-crítica e metodológica nos estudos literários. Dalmaroni mostra que, além do já consagrado *corpus* de autor, noções como *corpus* histórico, *corpus* construído e *corpus* emergente são importantes para o pensamento da crítica literária há tempos e observa que, quando se lança mão de um *corpus* articulado pelo próprio crítico, o desafio que surge é o de não perder de vista suas implicações históricas nem se pautar apenas na ideia de um *posível crítico* ou ignorar a singularidade das partes que o constituem, em razão dos riscos de nivelamento que tal operação apresenta. Esse aspecto, aliás, Contreras também já apontara em sua resposta a Kohan. As operações críticas de Ludmer nos textos sobre a pós-autonomia seriam objetos de debates semelhantes, seja pela opção por um “método sociocrítico” na abordagem de *Aquí América Latina*, seja pela desproporção entre uma ambição teorizadora de caráter globalizante e um *corpus* limitado, conforme observara Contreras (2010[2007]) acerca do ensaio “Literaturas postautónomas”, logo depois de sua publicação.

¹⁸ Na época em que o debate se instala, a perspectiva de um *corpus* construído tem antecedentes importantes na crítica argentina: “si se me permite, encuentro que las lecturas de corpus más interesantes, o en las que la reunión del corpus se vuelve más convincente, o más, o estrictamente, ‘necesaria’, son justamente las que se construyen en función de un relato –conclusivo o no, pero relato al fin: cuentos, historias, novelas familiares–, y en las que se vuelve evidente que la eficacia proviene no tanto de cuánto respondan a principios metodológicos sino de sus efectos, de cuánto nos hacen creer en la invención de ese corpus. Pienso en *El cuerpo del delito*, también de Ludmer, en *La dorada garra de la lectura* de Susana Zanetti, en *Andares blancos* de Adriana Astutti, en *Literaturas indigentes y placeres bajos* de Reinaldo Laddaga...” (CONTRERAS, 2003, pp. 10-11).

seja em relação aos seus modos de escrita e à opção pelo ensaio, seja no que diz respeito aos materiais que se analisam. Livros como *Estética de la emergencia*, de Reinaldo Laddaga (2006), ou *Aquí América Latina*, de Ludmer (2010), por exemplo, apresentam análises que extrapolam os estudos em crítica literária, na medida em que incorporam às suas discussões uma série de projetos estéticos que não se circunscrevem ao literário (em Laddaga: parques, bibliotecas, cinema,); ou que tomam o literário numa perspectiva que põe em xeque noções modernas como *autor* (Laddaga analisa casos de escrita colaborativa *on-line*, como o projeto Wo Ming) ou *autonomia* (conceito que é objeto de crítica em todos os trabalhos em que Ludmer trata da noção de pós-autonomia).

Há nesses gestos e operações críticos, por um lado, a consciência de que, no contexto em que escrevem, é evidente a dificuldade de organizar e sustentar o pensamento crítico a partir da oposição entre interior e exterior, ou de manter uma distância crítica segura em relação aos objetos abordados, questão particularmente explicitada por Laddaga (2006) no que se refere à crítica literária nos anos 2000, ou por Román de la Campa ao tratar do pensamento latino-americano num sentido mais amplo. Tal processo, iniciado aproximadamente nos anos 1960 e intensificado nas décadas seguintes, teria preparado “el terreno para la formación de interlocutores actuales como Josefina Ludmer, Silvia Molloy, Beatriz Sarlo, Silviano Santiago, Roberto Schwarz, Jaime Concha y Julio Ortega, entre otros” (DE LA CAMPA, 2001, p. 40).

Quanto ao debate sobre uma crítica pós-autônoma, a abertura discursiva que ele pretende promover corresponde a uma reaproximação aos fundamentos históricos, políticos e sociológicos no tratamento da literatura pela crítica latino-americana, especialmente a partir de um diálogo com o pensamento político que, entre os anos 1990 e 2000, apareceria nos trabalhos de pensadores como Paolo Virno (2003[1999]) ou Michael Hardt e Antonio Negri (2002[2000]), por exemplo, com destaque para as noções de tempo como fusão ou repetição, *dejà vu*, em Virno, e trabalho imaterial, multidão, potência dos pobres e Império, em Hardt e Negri.¹⁹ Nesse sentido, a crítica pós-autônoma reivindica “an uncanny and disturbing form of political presence”, de “a hard reminder of that

¹⁹ Ludmer mostrou-se particularmente entusiasmada com esses autores e os conceitos desenvolvidos por eles na época em que vinha preparando seu livro *Aquí América Latina* e, portanto, em que vinha gestando seu pensamento sobre a pós-autonomia. Cf. Ludmer (2001) e (2014[2002]).

which has always already been there”, mas “always on the other side of belonging, of any belonging” (MOREIRAS, 2004, p. 2).

É por essa razão que se pode vincular a noção de crítica pós-autônoma à de uma crítica menor, derivando-se esta última da concepção de Deleuze e Guattari acerca de uma literatura menor. Segundo eles, as “três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato –político [e] o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28). Por sua vez, as provocações críticas de Ludmer à luz da noção de pós-autonomia procuram justamente transtornar os modos e a “língua da crítica” (enquanto sistema, enquanto controle das possibilidades do que se pode ou não dizer ou ler acerca do literário), desnaturalizando-a em busca de promover certa desterritorialização de seu universo (por mais que novas reterritorializações possam ser agenciadas ou possam emergir desse procedimento). Isso fica bastante evidente na própria abertura do debate crítico para além do espaço universitário, por meio de *blogs* e da disseminação viral, que parece convidar a repensar o lugar e as possibilidades do crítico na era da internet, assim como as limitações de sua capacidade de influência num espaço cada vez mais midiático e espetacularizado.

É também por essa perspectiva que se nota que a problemática de uma crítica pós-autônoma tinha sido colocada em relação a outros paradigmas de crítica considerados por Ludmer como dominantes. Nesse sentido, trata-se de uma crítica explicitamente política, correspondente, também, ao que ela chama de *agitação cultural*. E o caráter polêmico dessa crítica expressa, portanto, uma necessidade que lhe é constitutiva, visto que ela porta uma espécie de *programa político* (a respeito da literatura enquanto instituição e dos elementos que participam nas disputas cotidianas no âmbito da legitimação de escritores, obras e, também, discursos teórico-críticos). Aqui, a dimensão política contamina a enunciação do crítico, que acabaria projetando uma dimensão coletiva para sua função.

No caso do trabalho de Ludmer com a noção de pós-autonomia, essa postura se manifesta não só na opção pelo meio de divulgação do ensaio inicial de 2006, mas também pelo emprego de uma linguagem cuja pretensão de livrar-se dos paradigmas institucionais, por meio da formulação de um “aparato diferente del que usábamos antes”, procura encontrar “palabras y formas para ver y oír al god del nuevo mundo” (LUDMER, 2010, p. 9) que sejam alternativas à terminologia institucionalizada pela

crítica acadêmica. Apesar do risco de produzir uma crítica pautada no nivelamento e no senso comum, como sinaliza Mariana Catalin (2020), parece-nos que o procedimento corresponde à busca deliberada de um *lugar comum*, isto é, um espaço discursivo no qual possam participar não só especialistas ou iniciados, mas potencialmente qualquer indivíduo que se interesse por aquilo que o debate traz à tona, na medida em que “*a literatura tem a ver é com o povo*” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27), o que autorizaria o crítico a fazer um uso alternativo da “língua da crítica”, apesar dos riscos implicados nessa escolha.

Por essas características, aquilo que aparece na concepção de Ludmer como uma crítica pós-autônoma – e que não é exclusiva dos seus trabalhos dos anos 2000, como se pode constatar ao menos a partir de *El cuerpo del delito. Un manual*, escrito ao longo da década de 1990 e publicado em 1999 – poderia inscrever-se, como já dissemos, no horizonte do *menor*, conforme este conceito fora teorizado por Deleuze e Guattari. Nesse sentido, para essa crítica:

É muito mais importante desposar o movimento virtual, que já é real sem ser atual (os conformistas, os burocratas não deixam de interromper o movimento nesse ou naquele ponto). Não se trata de modo algum de uma política do pior, muito menos de uma caricatura literária, menos ainda de uma ficção científica. Esse método de aceleração ou de proliferação segmentar conjuga o finito, o contíguo, o contínuo e o ilimitado (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 87).

Se levarmos em conta a problematização que aparecia anteriormente nos trabalhos de Ludmer em relação aos binarismos, às hierarquias e às instâncias de legitimação em jogo no campo da literatura – questões cuja presença é importante em seu seminário de teoria literária ofertado na UBA em 1985 e posteriormente publicado como *Clases 1985. Algunos problemas de teoría literaria* (2015), no qual aparecem algumas das premissas recuperadas por ela em seus trabalhos sobre a pós-autonomia –, nota-se que a aproximação aqui proposta entre a noção de crítica pós-autônoma e o horizonte do *menor* ancora-se mais do que no âmbito de um *possível crítico*, nas bases epistemológicas oriundas do pós-estruturalismo, fundamentais para o pensamento da autora ao menos desde os anos 1980, ainda que em proporções distintas em cada um de seus trabalhos (INCAMINATO, 2019; GERBAUDO, 2013), especialmente a partir do pensamento de Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Felix Guattari, Jacques Lacan e Michel Foucault. Nesse sentido, uma crítica pós-autônoma tal como aquela que parece ter sido pensada por Ludmer

atende à busca por linhas de fuga, visando a uma crítica literária menos vigiada e menos elitista.

Em uma intervenção recente apresentada no XI Congresso Brasileiro de Hispanistas e intitulada “Francotiradora y forastera: dos condiciones para la crítica latinoamericana”, a argentina Marcela Croce recoloca a questão sobre a importância de um repositório conceitual latino-americano produzido a partir da América Latina para pensar a América Latina.²⁰ Apesar não confundir-se com a noção de crítica pós-autônoma nem mencioná-la e, aliás, apresentar alguns argumentos que poderiam colocar em xeque o modo de Ludmer de ver/ler o presente dos anos 2000,

²⁰ O debate sobre a importância de um instrumental teórico latino-americano – ou, ao menos, de se provocar fricção nas categorias e nos conceitos metropolitanos tradicionalmente empregados para se pensar a América Latina – é anterior e poderia ser pensado, inclusive, paralelamente às discussões sobre literatura e subdesenvolvimento (a partir das relações de emulação, dependência e interdependência) (CANDIDO, 1972). Antonio Cornejo Polar (1997) discute a porosidade que conceitos como mestiçagem e hibridismo implicam para o discurso latino-americanista, ao sugerirem uma imagem harmônica e integradora dos meios culturais, étnicos e sociais destoante das fraturas constitutivas de nossa cultura. Apesar disso, o crítico reconhece, em perspectivas como a de Néstor García Canclini, a virtude de “su inmersión en la historia, lo que permite que así como se ‘entra y sale de la modernidad’ también se pueda –de algún modo– entrar y salir de la hibridez” (CORNEJO POLAR, 1997, p. 342). Por sua vez, Nelly Richard (1997, p. 345) lembra que as “posiciones cruzadas entre la academia metropolitana y sus ‘otros’ más o menos periféricos ponen en juego la cuestión de las relaciones entre saber académico, producción teórica y discurso crítico, convocadas por los diferentes contextos geográfico-culturales y localizaciones institucionales donde nos ubicamos para hablar ‘sobre’ o ‘desde’ América Latina a través de complejos sistemas de representación y políticas de los signos”. O discurso teórico latino-americanista frequentemente apresenta deslizamentos e formulações híbridas (decorrentes das próprias condições de produção, das tentativas de captar aquilo que, ligado à experiência e à expressão da diferença, tende a ficar restrito ao pré-discursivo nas abordagens disciplinares), o que coloca em discussão as posições de sujeito e de discurso e a mediação de códigos implicada nas formulações. Segundo Richard, essa condição de produção discursiva requereria uma perspectiva próxima a uma *antidisciplina*, que fosse capaz de perturbar os saberes, os métodos e as pretensões de objetividade das teorias estrangeiras sobre a América Latina, a fim de transtornar as formas de domínio internacional frequentemente reconfiguradas no contexto da globalização. Tal perspectiva precisaria caracterizar-se por “lo inacabado de una teoría latinoamericana de los bordes y de los entremedios particularmente sensible al deshacerse y rehacerse de significaciones fronterizas; [por] las pequeñas heterologías de saberes diferenciales que se fugan por las rendijas de las disciplinas maestras; [por] el plural en acción de ciertas disparatadas escrituras periféricas que se retuercen sobre sí mismas para burlar la síntesis recapituladora del guión académico (RICHARD, 1997, p. 359). Nesse sentido, tanto Ludmer quanto Croce dão continuidade a esse debate, atualizando-o à luz das inquietações que a experiência intelectual, política, econômica e cultural nesse início de século XXI trouxeram para a crítica literária e cultural latino-americana.

sua intervenção nos permite uma aproximação à concepção de uma crítica menor em parte convergente com a postura política constitutiva do que, conforme procuramos defender aqui, uma crítica pós-autônoma necessita. Logo no início de sua apresentação, Croce comenta o seguinte:

Hace un tiempo, tuve una idea que reputé por la negativa. No interesante, porque ese adjetivo equivale a soslayar el juicio y disolverlo en una actitud que se excusa de toda consideración tras arribar a semejante vaguedad; no útil, porque eso supone apelar a una dimensión que difícilmente la actividad intelectual pueda esgrimir; mucho menos inteligente, dado que semejante pretensión arrastra ínfulas soberbias que conviene combatir como uno de los riesgos para el pensamiento. La llamo “idea” porque no superó el plano de la abstracción. Al contrario, se empeñó en quedarse allí, a medida que divulgaba la posibilidad de ponerla en marcha. Se trata de un repositorio conceptual de términos propiamente latinoamericanos, un conjunto que reúna nociones de historia, sociología, economía, teoría literaria, antropología y otras humanidades que cumplan con la condición inexcusable de surgir, en el ámbito latinoamericano, a partir de problemas propios y con vistas a pensar la producción continental (CROCE, 2020, [s.p.]).²¹

A possibilidade de aproximação com uma crítica menor emerge, no fragmento acima, a partir da ideia (segundo a autora “*idea fallida*”) de que, para superar os colonialismos críticos que imperam no pensamento e na crítica seria necessário criar um *repositório conceitual* latino-americano que permitisse tratar de temas e problemáticas da América Latina a partir de suas próprias aproximações (sem negar, com isso, qualquer tipo de contribuição estrangeira que possa ser estrategicamente mobilizada). Ao recuperar a discussão sobre a importância de pensar os modelos conceituais empregados para refletir sobre a América Latina fora dos enquadramentos metropolitanos – mencionando os riscos que tal postura acarreta, assim como a resistência acadêmica às mudanças terminológicas –, Croce (2020, [s.p.]) aponta para certa dependência da crítica latino-americana e para seu acomodamento aos paradigmas euro-americanos, ao mesmo tempo em que chama a atenção para “los ajustes que reclama la teoría latinoamericana, si quiere dejar de ser, para decirlo con una frase resonante, calco y copia”.

Apesar de os postulados de Ludmer não estarem a salvo desse mesmo risco – como mais de uma vez apontam os críticos (GIORDANO, 2010b,

²¹ Todas as citações à exposição de Marcela Croce são transcrições minhas de sua apresentação, que foi transmitida remotamente e cujas informações estão citadas na lista de referências, ao final deste estudo.

2016; DALMARONI 2005; 2010) que ressaltam a possível influência dos estudos culturais, poscoloniais e decoloniais em seu pensamento sobre a pós-autonomia –, insistimos nessa aproximação porque, como pontua Croce (2020, [s.p.]), retomando uma ideia de Néstor García Canclini, “una disciplina o campo del conocimiento cambia cuando algunos conceptos irrumpen con fuerza, desplazan a otros o exigen reformularlos”. E poucas noções tiveram, na crítica literária e cultural latino-americana das últimas duas décadas, um impacto tão grande quanto a de pós-autonomia. Nesse sentido, continuando aqui o diálogo com os argumentos de Croce, as impertinências do tom entre panfletário e vanguardista de Ludmer, especialmente no ensaio de 2006, correspondem a um pronunciamento que parece querer fundamentar um enfoque ou uma dimensão latino-americana para o pensamento sobre a América Latina na era da globalização.

Desse modo, o sentido político da crítica pós-autônoma formulada por Ludmer é, também, o de entrar na disputa teórica na/a partir da/ sobre a América Latina, de modo que a literatura, a economia, a história e a política latino-americanas não sejam meros objetos de teorias estrangeiras, mas participem na partilha dos discursos teóricos e críticos. Embora sua entrada nessa disputa seja feita não mais de fora do campo crítico – como ela concebia a situação da crítica argentina no seminário de 1985, numa Argentina então recém-saída da ditadura –, mas de seu interior (depois de muitos anos como professora de Literatura latino-americana da Yale University), trata-se, ainda, de uma tentativa de deslocamento dos imperialismos acadêmicos pela via de uma aposta (arriscada) no apagamento das fronteiras nacionais para tratar do literário e do cultural no contexto ampliado das disputas internacionais. Nesse sentido, intalar-se na perspectiva de uma crítica menor é precipitar-se rumo ao inacabado, como um devir, um devir-crítica (aquém ou além, nunca coincidente com os discursos dominantes) na relação tensa com as tradições da crítica latino-americana (e, mais especificamente, argentina).

CODA: O PUGILISMO CRÍTICO E SEUS RISCOS

O debate acerca da noção de pós-autonomia, inicialmente voltado para a literatura dos anos 2000, mas restrito ao âmbito acadêmico argentino, pouco a pouco expande seu alcance para outras latitudes latino-americanas, com significativa acolhida no Brasil, além de apontar para uma bifurcação fundamental: uma vertente que se voltaria para a

discussão sobre a produção literária e seu possível ou controverso estado pós-autônomo contemporâneo; e outra que focalizaria as próprias configurações e disputas da crítica literária ante a possibilidade de uma crítica pós-autônoma. Neste estudo, interessava-nos especialmente esse segundo aspecto do debate.

Ao assentar-se num “como se” e reivindicar para si um lugar enunciativo hipotético e especulativo, a possibilidade de tal crítica cumpre um papel polemista importante para movimentar o meio acadêmico e, por essa via, atrair para o debate até mesmo seus opositores. Nesse sentido, a polêmica pós-autonomista recoloca uma disputa que, dizendo de modo simplificado, reestabelece uma tensão entre “crítica conteudista” e “crítica pugilista”, para empregar aqui uma oposição usada por Fernando Bogado (2018) ao referir-se a tais debates, a primeira preocupada com o rigor conceitual e a preservação do literário e de suas categorias no horizonte da prática crítica (Giordano, Kohan), e a segunda, por sua vez, afeita ao jogo polemista e à busca de espaço para a incorporação aos estudos literários de objetos e conceitos periféricos ou, mesmo, alheios à literatura (Ludmer, Link).

Assim, a crítica pós-autônoma, tal como fundamentada por Ludmer, configura-se como pugilista. Nesse sentido, chama a atenção o incômodo que suas intervenções causaram nos opositores de suas premissas, porque o que elas fazem é colocar as cartas na mesa no que diz respeito à noção de valor, tanto se este for considerado imanente ou intrínseco quanto se for tomado em seus vínculos institucionais ou extrínsecos. Apesar de que essa atitude habilita (ironicamente, na maior parte das vezes) a entrada de “qualquer” literatura no debate sobre o literário, ela também recoloca o valor no lugar daquilo que pode ser debatido e, atrelado às práticas de valoração, daquilo que pode ser *afetado* por múltiplas instâncias de julgamento ou aproximação. Portanto,

En buena medida, el debate sobre la posautonomía es también un problema sobre totalización: el de la literatura en el concierto de la imaginación pública, su puesta en uso (el “activismo cultural” con el que reclama Ludmer a la crítica en 2011) y su resistencia al mismo. Esto es un problema de larga data entre Estudios Culturales y Estudios Literarios [...], pero no deja de ser significativa la conmoción producida por el vendaval Ludmer: azuzó la reconfiguración del discurso sobre la especificidad, promovió el foquismo moral entre tradiciones críticas (o de la crítica) y un nuevo avatar de la distinción entre academia y periodismo (PERALTA, 2016, p. 107).

Diríamos que isso é, de fato, o que pode a crítica pós-autônoma pode fazer como um modo de contribuir para o pensamento sobre o literário neste início de século XXI: colocar à prova os princípios, os valores e as categorias usuais das tradições críticas (ou da crítica), de forma a colaborar para a historicização e desnaturalização dos postulados, dos gestos críticos e do maquinário terminológico à disposição, os quais respondem a modos de ver e ler a literatura e o mundo, mas costumam silenciar-se em relação àquilo que optam por deixar de fora (ou de lado) em suas escolhas.

Por sua vez, somente uma prática crítica polemista que lance mão de operadores de leitura provisórios e não os converta em conceitos fixos e aplicáveis pode manter essa inflexão simultaneamente polemista e crítica. Nesse sentido, à medida que a noção de literaturas pós-autônomas vai se institucionalizando, como parece ser o caso atualmente, e que uma crítica pretensamente pós-autônoma inicia um movimento de apropriação das categorias provisórias formuladas, por exemplo, por Ludmer (2006; 2010, entre outros) em seus estudos sobre as literaturas dos anos 2000, essa perspectiva corre o risco de perder a potência de dissenso que a caracteriza/ caracterizava em sua origem e em seu fundamento, podendo converter-se em outra coisa – forma imperial de um pensamento cuja característica primeira era, justamente, fazer a crítica de quaisquer operações de imperialismo crítico.

Paradoxalmente, nesse contexto o uso mais afinado com os fundamentos de uma crítica pós-autônoma vem de críticos que se opõem a ela, como Giordano, Dalmaroni ou Kohan, que, ao tomarem com ceticismo a noção de pós-autonomia e os postulados associados a ela, fazem-lhe objeções – sobre a impossibilidade de constituir-se num estado de época (Giordano); sobre a necessidade de discussão da práxis social reivindicada nela como reaproximação entre literatura e vida (Kohan); ou sobre o risco impressionista de uma crítica que prescindia de categorias conceituais rigorosas (Dalmaroni) –, mantendo vivo o espírito polemista e metacrítico constitutivo do debate inicial. Por essa via, conservam para a categoria de pós-autonomia aquele estado de resistência à interpelação que, parafraseando Moreiras (2004), confere-lhe a condição de um “visitante, não de um convidado” ou de um “não amigo absoluto” a ser visto com ressalvas, desconfiança ou incômodo, mas que também obriga aqueles que se veem diante dele a repensar os próprios modos de portar-se (em relação à literatura).

Esse paradoxo configura-se, pois, como resultado do estado presente das fronteiras conceituais e de seus pontos cegos, tanto nas ciências humanas quanto nos estudos literários. Uma vez que o “imaginário [...], a través de la multiplicación de emisiones subjetivas, ha sustituido cualquier otra forma de autorización de lo que se afirma, propone o informa” e que “[l]o íntimo autoriza la Historia y, desde el punto de vista de lo público, sustituye los hechos por las vivencias” (CATELLI, 2018, p. 143), a importância do intelectual se relativiza, e o alcance do que ele tem a dizer também se torna duvidoso. Desse modo, a crítica literária se vê ante caminhos que se bifurcam: por um lado, pode retornar ao uso de instrumentos analíticos cujo rigor extremo pode parecer incômodo atualmente até mesmo para nós (postura defendida por Nora Catelli); por outro, pode adotar uma perspectiva de não coincidência com os postulados que adota, operando sempre aquém ou além deles e, desse modo, evitando o risco de naturalização tanto do objeto quanto de seu instrumental teórico-crítico.

Essa segunda opção aponta para uma última aproximação improvável nesse debate: atende tanto aos pressupostos seminais do pensamento de Ludmer (2015) sobre a teoria literária quanto às críticas de Giordano (2010b; 2016; 2017) aos postulados sobre a pós-autonomia. O convite à *não coincidência* pode ser uma via para se prestar atenção ao detalhe – “[g]rande e revolucionário, somente o menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 40). Essa aposta, que aqui se limita à síntese-abertura de uma perspectiva que ainda precisa ser explorada, convida a revisitar o texto literário tomando-o em sua singularidade, operação imprescindível e necessária para um olhar atento sobre a escritura no horizonte de uma crítica pós-autônoma.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. Postautonomía: pasajes. *Pasajes*, n. 28, 2008, pp. 10-21.

ANTELO, Raul. Autonomía, pós-autonomía, an-autonomía. *Qorpus*, v. 1, 2012, pp. 1-12.

BOGADO, Fernando. El asedio de la realidad: límites de la categoría de “postautonomía” y de “etnografía del presente” en las formulaciones críticas de Josefina Ludmer y Beatriz Sarlo. IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas. *Actas*. Rosario, 2015, pp. 1-8.

- BOGADO, Fernando. Los finales de la teoría literaria: investigación y refundación. *Filología*, n. 50, 2018, pp. 5-16.
- CANDIDO, Antonio. Literatura y subdesarrollo. In: FERNÁNDEZ MORENO, César. (Org.). *América latina en su literatura*. México: Siglo XXI, 1972, pp. 335-353.
- CATALIN, Mariana. Intempestivo: el ensayo de Ludmer. *Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria*, n. 20, 2020, pp. 95-108.
- CATELLI, Nora. Intimidad y posverdad. *Boletín del Centro de Teoría y Crítica Literaria*, n. 19, 2018, pp. 143-153.
- CONTRERAS, Sandra. Intervención. *Boletín del Centro de Teoría y Crítica Literaria*, n. 11, 2003, pp. 1-13.
- CONTRERAS, Sandra. En torno de las lecturas del presente. In: GIORDANO, Alberto (Ed.). *Los límites de la literatura*. Rosario: CELAR/UNR, 2010, pp. 135-153.
- CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes. *Revista Iberoamericana*, v. LXIII, n. 180, 1997, pp. 341-344.
- CROCE, Marcela. Francotiradora y forastera: dos condiciones para la crítica latinoamericana. *Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Recife, 2020, [s.p.]. Disponível em: <<http://www.xicongressohispanistas.com.br/evento-online/live.php?id=5>>. Acesso em: 2 set. 2020.
- DALMARONI, Miguel. Encuentro con Josefina Ludmer. *Orbis tertius*, n. 4, v. 7, 2000, pp. 1-22.
- DALMARONI, Miguel. Historia literaria y corpus crítico (aproximaciones williamsianas y un caso argentino). *Boletín del Centro de Teoría y Crítica Literaria*, n. 12, 2005, pp. 1-22.
- DALMARONI, M. La literatura y sus restos (teoría, crítica, filosofía). A propósito de un libro de Ludmer (y de otros tres). *Bazar Americano*, n. 28, 2010, [s.p.]. Disponível em: <www.bazaramericano.com/pdf.php?cod=19&tabla=columnas>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- DE LA CAMPA, Román. América Latina o el imperio de la inmanencia. *Nuevo texto crítico*, v. 13-14, n. 25-28, 2001, pp. 35-51.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1973.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

- GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos extraños: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nogue. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- GERBAUDO, Analía. El Derrida de Ludmer y otras figuraciones de las clases de los críticos (1984-1986). In: GERBAUDO, Analía *et al.* Primer Coloquio Avance de Investigaciones del Cedintel. *Anais...* Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2013, pp. 59-67.
- GERBAUDO, Analía. Algo más sobre un mítico seminario (usina teórica de la universidad argentina de la posdictadura). *452º F*, n. 12, 2015, pp. 132-152.
- GIORDANO, Alberto. Por una ética de la supervivencia. Un final feliz (Relato sobre un análisis) de Gabriela Liffschitz. In: GIORDANO, Alberto (Ed.). *Los límites de la literatura*. Rosario: CELAR/UNR, 2010a, pp. 73-88.
- GIORDANO, Alberto. Presentación. In: GIORDANO, Alberto (Ed.) *Los límites de la literatura*. Rosario: Celar/UNR, 2010b, pp. 5-16.
- GIORDANO, Alberto. Un avatar de las literaturas posautónomas. El caso Luz Marus. In: *El pensamiento de la crítica*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2016, pp. 199-218.
- GIORDANO, Alberto. A dónde va la literatura? La contemporaneidad de una institución anacrónica. *El taco en la brea*, n. 5, 2017, pp. 133-146.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Barcelona: Paidós, 2002.
- HORNE, Luz. *Literaturas reales. Transformaciones del realismo en la narrativa latinoamericana contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2011.
- INCAMINATO, Natalí. Jacques Derrida en Josefina Ludmer. *Clases 1985 y El Género gauchesco. Un tratado sobre la patria: ley, límite, indecidibilidad y autorreferencia*. Literatura: Teoría, Historia, Crítica, v. 21, n. 2, 2019, pp. 173-200.
- JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- JAMESON, Fredric. La estética de la singularidad. *New Left Review*, n. 92, 2015, pp. 109-141.
- KOHAN, Martín. Dos lecturas modernas. *Boletín del Centro de Teoría y Crítica Literaria*, n. 11, 2003, pp. 1-5.
- KOHAN, Martín. Sobre la posautonomía. *Landa*, v. 1, n. 2, 2013, pp. 309-319.
- LADDAGA, Reinaldo. *Estética de la emergencia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.
- LADDAGA, Reinaldo. *Espectáculos de realidad: ensayo sobre la narrativa latinoamericana de las últimas décadas*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2007.
- LINK, Daniel. *Fantasmas: imaginación y sociedad*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2009.

- LUDMER, Josefina. *El cuerpo del delito. Un manual*. Buenos Aires: Perfil, 1999.
- LUDMER, Josefina. An Agenda for the Multitudes. *Rethinking Marxism*, v. 3, n. 3-4, 2001, pp. 168-172.
- LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas. *Linkillo*, 2006, [s.p.]. Disponível em: <http://linkillo.blogspot.com/2006/12/dicen-que_18.html>. Acesso em: 10 dez. 2010.
- LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
- LUDMER, Josefina. A multidão entra em ação. *Landa*, v. 2, n. 2, 2014, pp. 228-232.
- LUDMER, Josefina. *Clases 1985. Algunos problemas de teoría literaria*. Buenos Aires, Paidós, 2015.
- MOREIRAS, Alberto. Children of Light: Neo-paulinism and the Cathexis of Difference (I). *The Bible and Critical Theory*, n. 1, v. 1, 2004, pp. 3-13.
- NASCIMENTO, Evando. Literatura no século XXI: expansões, heteronomias, desdobramentos. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 28, n. 18, 2016, pp. 1-31.
- PANESI, Jorge. Discusión con varias voces: el cuerpo de la crítica. *Boletín del Centro de Teoría y Crítica Literaria*, n. 12, 2005, pp. 1-13.
- PAS, Hernán. El riesgo bromista. Entre territorios, deícticos y valores “post”. *Katatay*, n. 8, 2010, pp. 142-147.
- PERALTA, Sergio. Polémicas profesionales: valor literario y foquismo moral. *Badebec*, n. 11, v. 6, 2016, pp. 85-113.
- PINHEIRO, Tiago Guilherme. O próprio, a propriedade e o apropriado: variação em torno da ideia de Literaturas pós-autônomas de Josefina Ludmer. *Landa*, v. 1, n. 2, 2013, pp. 153-173.
- RICHARD, Nelly. Intersectando Latinoamérica con el latinoamericanismo: saberes académicos, práctica teórica y crítica cultural. *Revista Iberoamericana*, v. LXIII, n. 180, 1997, pp. 345-361.
- SARLO, Beatriz. Pornografía o fashion. *Punto de Vista*, n. 83, 2005, pp. 13-17.
- SARLO, Beatriz. Sujetos y tecnologías. La novela después de la historia. *Punto de Vista*, n. 86, 2006, pp. 1-6.
- SÜSSEKIND, Flora. A crítica como papel de bala. *O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno Prosa e Verso, 24 abr. 2010, pp. 2-3.
- TOPUZIAN, Marcelo. El fin de la literatura. Un ejercicio de teoría literaria comparada. Castilla. *Estudios de literatura*, n. 4, 2013, pp. 298-349.

VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

ZÓ, Ramiro Esteban. El efecto post-Ludmer. *Landa*, v. 1, n. 2, 2013, pp. 349-371.

Recibido: 14/1/2021

Aceito: 5/4/2021

Publicado: 21/6/2021